

## Diário de classe de uma professora infame

*Vanessa Maia Barbosa de Paiva*

*Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada  
À parte isso...Tenho em mim todos os sonhos do mundo*

**Alvaro de Campos**

Levante a mão qual o professor que nunca participou de uma reunião, conselho de classe ou conversa no cafezinho que falasse mal de algum aluno? Qual o colega que não passou e ouviu algum(a) professor(a) reclamando da conduta de tal ou qual menino que, “fala demais”, é “pra frente demais”, “corre demais”, “fala muito alto”, é “insuportável”, e, pior: “não quer saber de nada”? Então colegas, se vocês já ouviram algum comentário desse tipo acerca dos alunos de sua escola...bem vindos à vida dos jovens alunos infames.

A infâmia, na perspectiva que abordamos aqui é a descrita por Foucault (2006). Uma infâmia que se dá a partir de relatos que descredenciam vidas, independente dos interesses diversos que essas vidas possam ter em outros assuntos, questões e pertencimentos que produzem dentro e a partir das escolas que habitam.

Mas o que faz com que elaborem um discurso infame sobre nossos alunos? O que faz com que desempenhem vidas a partir de nossos relatos? Segundo Foucault, o que promove isso é o encontro dessas vidas com o poder que espreita, regula, impede a criação e a habitação da escola pelos alunos. O poder que persegue. É o poder que suscita as palavras.

Os homens infames, assim como os nossos jovens alunos infames, foram e são aqueles capturados devido às circunstâncias produzidas por um discurso sobre eles. Não gostaria de ser entendida com esse texto como uma pessoa que acha que “tudo é permitido porque tudo é da lei.” Mas

me pego pensando porque sempre temos que expor nossos alunos em reuniões que mais se prestam a lamúrias do que à potencialização desses meninos. Eu mesma fui uma aluna infame. Nas reuniões de pais que minha mãe comparecia, ouvia dos professores: "Dona Teresa, a Vanessa fala demais!". "Ela fala muito e tira a concentração dos outros. A senhora dá um jeito." "Essa menina é desinteressada (1) e distraída.". Isso soava como uma sentença para a minha mãe. O dia em que eu mais temia a minha mãe era o dia em que ela voltava da reunião de pais na escola. Já do portão eu a ouvia falar: "menina, eu não agüento mais seus professores reclamando de você! Todos os professores reclamaram de você!"

Minha mãe voltava da reunião tão impactada com a fala dos professores, que sequer lembrava-se de minha caderneta escolar repleta de notas azuis. Das estrelinhas que eu recebia pelas leituras de livros e pelas redações. Tudo estava emudecido pelos relatos sobre a aluna infame.

Minha saga de aluna infame seguiu até que eu conheci minha professora Zeni. Essa professora, a despeito das dificuldades de toda ordem e da própria impossibilidade de cativar a tudo e a todos, empreendeu uma metodologia que se propôs a ser "entre". No seu primeiro dia de aula, Zeni começou a conversar conosco. Um dia Zeni trouxe para a sala vários livros que contavam as mais variadas histórias. A partir daquele dia, estávamos sempre envolvidos com os livros. O "rendimento" da turma aumentou. Os outros professores passaram a ter ciúmes de Zeni. Mas ela resolveu, à moda deleuziana, não acompanhar o movimento de seus vizinhos e resolveu fazer seu próprio movimento. Afinal, como bem disse o autor, "se ninguém começa, ninguém se mexe."(DELEUZE, 1992, p. 156)

Até hoje trago comigo o exemplo de Zeni, em meu modo de ser professora. Foi ela que, saindo dos procedimentos de denúncia, de queixa, de inquirição e de relatório não nos relatou, nem disse nada sobre nós. Ela sabia que tudo o que dissesse sobre seus alunos, se registraria por escrito

nos cadernos dos coordenadores. E esse registro se acumularia e terminaria por constituir dossiês e arquivos.

Certeau afirma que a "descrição é mais do que uma fixação", é "um ato culturalmente criador" (CERTEAU, 2007, p. 209). Levando isso em consideração, fico a pensar... será que não estamos produzindo alunos infames cada vez que deles constituímos um relato, justamente por eles não terem uma vida fabulosa?



#### **NOTAS:**

**(1)** Meses depois minha mãe, já convencida de que eu "tinha algum problema" me levou a um neurologista e ele disse que eu tinha um quadro de disritmia grave, que deveria ser tratado por longos meses com medicamentos de tarja preta. Isso explicaria, segundo o discurso médico, meus "vôos" e distrações em sala de aula. Mais de vinte anos depois, já cursando o doutorado e lendo as leituras recomendadas pelo curso vi também nessa explicação o caráter altamente normatizante e biopolítico desse discurso médico que também queria normalizar-me. Dar uma solução, uma vez que a instituição médica também tinha sido convocada para dar seu parecer. Tinha sido convocada para dar "providências".

#### **sobre o(a) autor(a):**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora das Faculdades Integradas São Pedro (FAESA). Coordenadora da TV FAESA.